

FALAR DE TERCEIROS: OS REINOS DE NAVARRA E ARAGÃO VISTOS POR CRÓNICAS DE CASTELA E PORTUGAL (SÉCS. XIII-XIV)*

Isabel DE BARROS DIAS
Universidade Aberta / CEIL (UNL-FCSH)
isabelbd@univ-ab.pt

RESUMEN: La *Estoria de Espanna* de Alfonso X y otros textos sus derivados interrumpen su hilo narrativo para insertar las historias de los reinos periféricos de la Península Ibérica. Lo mismo se verifica en las dos redacciones de la portuguesa *Crónica de 1344*. Dado que esta última deriva en gran parte de la historiografía alfonsí, no podemos sorprendernos ante tal coincidencia. No obstante, el contexto específico subyacente a la producción de esta crónica condiciona diferencias significativas en la manera en que se nos presentant las historias de los reinos de Navarra y Aragón / condado de Barcelona. Las divergencias que se identifican en este trabajo son elocuentes y revelan dos puntos de vista muy distintos.

Palabras clave: historiografía medieval, reinos ibéricos, manipulación de fuentes.

ABSTRACT: Alfonso X's *Estoria de Espanna* and other derived texts interrupt their narrative line in order to insert the histories of the Iberian peripheral kingdoms. The same happens in the two versions of the Portuguese *Crónica de 1344*. Since this work derives mostly from alfonsine historiography, this conformity is far from surprising. Nevertheless the specific context of this chronicle's production has also implied a number of significant differences in the way the histories of the kingdoms of Navarre and Aragon / county of Barcelona are reported. The divergences identified in this essay are eloquent and reveal two very different pints of view.

Key words: medieval historiography, Iberian kingdoms, source manipulation.

* O presente estudo decorre do trabalho levado a cabo no quadro da Acção Integrada Luso-Espanhola nº 122/07, entre a Universidade Aberta e a Universitat de Barcelona, intitulada «Intercâmbios poéticos e literários entre cortes ibéricas no período medieval».

A *Estoria de Espanna* de Afonso X¹ centra o seu relato do período da Reconquista cristã nos feitos dos reis das Astúrias, de Leão e de Castela-Leão, que encadeia numa sucessão quase perfeita. Porém, a dado momento, interrompe o seu fio narrativo para contar, brevemente, as histórias dos reinos periféricos, caso de Navarra e Aragão / condado de Barcelona.

Este modelo é transmitido a outras produções historiográficas, suas derivadas. No entanto, em alguns casos, o uso da fonte afonsina é contrabalançado por manipulações que alteram as características deste modelo. A digressão relativa aos reinos do Levante constitui precisamente um dos momentos em que estas manipulações se verificam. Para uma melhor percepção das alterações realizadas, tomaremos aqui, como termos de comparação, por um lado, as edições dos testemunhos da “versão crítica” afonsina e da “versão de Sancho IV”, de 1289,² e, pelo outro lado, testemunhos das duas redacções da portuguesa *Crónica de 1344*, a primeira com base no manuscrito mais completo da sua tradução castelhana (uma vez que não subsistem testemunhos da versão portuguesa), o ms. 2656 da Biblioteca Universitária de Salamanca, e a segunda com base na redacção que terá sido realizada em finais do séc. XIV.³

No presente estudo será realizada uma análise global de acordo com uma perspectiva alargada, que se centrará na verificação dos blocos textuais que cada versão transcreve, ignora ou acrescenta. Algumas passagens que merecem uma atenção mais detida serão aqui meramente assinaladas, reservando-se a sua análise para outro momento.

Se olharmos para os títulos dos capítulos (cf. Anexo) que constituem a digressão afonsina sobre a história de Navarra e Aragão e os compararmos com os da “versão de Sancho IV”, constatamos uma grande identidade entre os dois excursos. Algumas diferenças que existem são pontuais e pouco significativas, como é o caso da divisão do cap. CCXVII da “versão crítica” em três capítulos na edição da PCG, mas onde as matérias abordadas são coincidentes.

Em termos gerais, a digressão sobre os reis de Navarra e Aragão, nestas duas versões produzidas no Centro peninsular, assume um carácter bastante linhagístico. Os textos detêm-se relativamente pouco nas circunstâncias particulares de cada reinado. Concentram-se, sobretudo, na indicação das relações familiares estabelecidas no seio de cada família reinante. Os acontecimentos giram especialmente em torno do reinado de Sancho o Maior, a cuja história o texto volta periodicamente para retomar o fio da

1. **Como representante da *Estoria de Espanna*** afonsina usaremos aqui o texto da “versão crítica” (c. 1282-84), recentemente editada por Campa, 2009, uma vez que, para o momento que nos interessa, este texto não suscita as dúvidas que os manuscritos representantes da “versão primitiva” (c. 1270-74) acarretam por estarem truncados ou por terem sido combinados com outras versões. Para mais informações sobre a EE e suas versões, *vid.* Catalán 1962, 1992 e 1997, bem como Fernández-Ordóñez 1993 e 2000, e Campa 2000 e 2009.

2. **Para esta versão será usada a ed. de Menéndez Pidal (1977), que tem por base os mss. Escorialenses E1 e E2** que, para o momento que aqui se estuda, é testemunho da “versão de Sancho IV”, também conhecida como “versão amplificada de 1289”. A ed. da “versão crítica” usada é a de Campa (2009).

3. Possivelmente nos anos 80 do séc. XIV, pelas razões apontadas em Dias 2003, I, 4. A edição usada é a publicada por Cintra 1954, 1961 e 1990 (vols. II, III, IV).

linha narrativa. Esta estrutura faz com que as histórias de Navarra e de Aragão constituam uma digressão. Em consequência desta organização, cria-se uma imagem destes dois reinos como domínios periféricos, ocasionalmente autónomos, nomeadamente na sequência da divisão dos reinos realizada por Sancho o Maior, rei de Navarra, e também senhor de Castela e de Aragão, entre os seus três filhos (Garcia, Fernando e Ramiro).⁴

Neste contexto, é significativo notar que a fonte da historiografia afonsina, para este momento, é a *Historia de Rebus Hispanie* do Arcebispo de Toledo. Navarro de nascimento, Rodrigo Jiménez de Rada terá, no entanto, sido criado em Castela e estudado em Bolonha e Paris. De volta a Castela, terá sido uma figura particularmente influente no tempo de Fernando III, pai de Afonso X. Esta obra, redigida em latim e terminada em 1243, é uma fonte principal da *Estoria de Espanna* afonsina, também seguida de perto no que se refere à história dos reinos de Navarra e Aragão.

Face ao Toledano, a “versão crítica” procede a algumas alterações pontuais⁵ e actualiza a matéria até à contemporaneidade do casamento entre Afonso X e Violante, filha de Jaime I e de Violante da Hungria (cf. final do cap. CCXXI). Porém, também se verifica uma alteração que deve ser sublinhada: a amplificação do relato da morte do Infante Garcia, no meio da história do rei Sancho o Maior. Este rei, originalmente soberano de Navarra, é valorizado na obra afonsina porque, graças ao seu casamento com a irmã do malogrado infante Garcia de Castela, acaba por integrar este território nos seus domínios, constituindo-se como o seu primeiro rei.⁶ A inserção do relato da morte do jovem conde faz sentido, pela sua relação com o acréscimo dos domínios de Sancho o Maior. Porém, a dimensão que é dada a este sucesso tem como consequência a quebra da lógica sequencial da narrativa sobre os reis de Navarra. O relato do arcebispo de Toledo já inseria um pequeno capítulo sobre a morte do infante Garcia. Porém, a curta dimensão desta inclusão não perturbava o fio narrativo que remontava à história dos primeiros reis de Navarra. O mesmo já não se verifica no relato do rei Sábio, onde não só se quebra a sequência entre Sancho de Navarra e os seus antecessores, como se acentua a ideia de que a inserção da história deste reino só tem lugar pelo seu interesse para a compreensão da história de Castela. Deste modo, não é a narrativa da morte do infante Garcia que faz sentido reportar para esclarecer a soberania de Sancho, é toda a história de Navarra que é inserida para a boa compreensão da história Castelhana e de como este território se constituiu como reino.

Verifica-se assim como a *Estoria de Espanna* e, na sua sequência, a “versão de Sancho IV”, se referem aos reinos periféricos de Navarra e Aragão de modo marginal,

4. **Sobre a representação dos soberanos unificadores vs repartidores** pela historiografia afonsina e outras crónicas, *vid.* o que é dito a este respeito em Dias 1999.

5. *Vid.* Campa (2009: 142-144), que indica algumas alterações de nomes nas genealogias dos reis de Navarra e remete para mais informações existentes em Fernández-Ordóñez 1993 e Catalán 1997.

6. Esta questão é particularmente evidente na seguinte explicação: “Cuenta la estoria que despues que este rrey don Vermudo de Leon e el conde don Sancho de Castilla fueron muertos, que fallesçio el linaje de los varones et torno el señorío a las mujeres. Et por ende conuiene aquí en este lugar de enxerir el linaje de los rreyes de Nauarra que casaron con las dueñas cuyo era el señorío de Leon e de Castilla, e dezir commo ovo rreyes en Castila” (Campa 2009: 379).

como territórios satélites da centralidade constituída pelo eixo de Castela-Leão, pilar da visão historiográfica transmitida por Afonso X e de outros testemunhos historiográficos, seus derivados.

Nas duas versões da *Crónica de 1344* encontramos um panorama bastante diferente. Retoma-se aqui a narrativa do passado de Navarra como um todo e verificam-se significativas deslocções de blocos textuais, procedendo-se ainda à actualização da história até momentos mais recentes.

O próprio peso relativo desta tranche historiográfica é alterado de modo significativo. No manuscrito mais completo que transmite a versão crítica, o ms. Ss, da Caja de Ahorros de Salamanca, o bloco com a história de Navarra e Aragão ocupa cerca de 6 fólhos dos 325 que compõem o manuscrito (sendo que este manuscrito vai da história dos godos até à parte final da *Crónica Particular de san Fernando*).⁷ No caso dos mss. escurialenses E1 e E2, que constituem a base da ed. de Menéndez Pidal, e que para este período veiculam a “versão de Sancho IV”, o trecho da história de Navarra e Aragão ocupa sensivelmente 11 de um total de 556 fólhos (dos dois volumes, que vão do Génesis até à história de San Fernando).⁸ Já no ms. 2656 da BUS, que tem a tradução da 1ª redacção da *Crónica de 1344*, o bloco estudado passa os 22 fls. de um total de 339; convém, no entanto, notar que este manuscrito está truncado do início e do fim, mas transmite a história que vai desde o final do sumário da terceira Idade do Mundo até ao início do sector dedicado aos reis de Portugal.⁹ Finalmente, no ms. L, da Academia das Ciências de Lisboa, que serviu de base à edição da 2ª redacção da *Crónica de 1344*, por Lindley Cintra, a história de Navarra e Aragão ocupa 14 fólhos de um total de 324 (sendo que este ms. contém a narrativa desde o Génesis até à história do Cid posterior ao relato correspondente ao *Cantar*).¹⁰ Esta contabilidade simples indica-nos claramente que estamos perante uma distribuição muito diferente, apesar do modelo da crónica portuguesa ser, indubitavelmente, a produção afonsina. Porém, os textos portugueses subvertem a fixação da sua fonte no eixo central de Castela-Leão. Com efeito, apesar da crónica portuguesa manter a memória de que esta narrativa é uma digressão relativamente ao assunto predominante da crónica,¹¹ verifica-se aqui não

7. Para uma descrição sumária deste manuscrito, *vid.* Fernández-Ordóñez 1993: 265-266 ou 2000: 249. Este manuscrito não tem a secção da História Antiga. Começa no fl. 2 com a história dos Godos e acaba no fl. 325, que corresponde à parte final da *Crónica Particular de san Fernando*. Para a passagem aqui em estudo transmite o texto da “versão crítica” afonsina. As histórias de Navarra e de Aragão encontram-se nos fls. 164vb-165vb e 167vb-173rb, de acordo com o indicado na ed. de Campa 2009.

8. Para uma descrição sumária destes manuscritos, *vid.* Fernández-Ordóñez 2000: 242-243. O ms. E1 tem um total de 197 fls. e o E2 359 fls. Os reinos de Navarra e Aragão ocupam os fls. 114v-117r e 119v-127v.

9. Uma descrição sucinta deste ms. é transcrita por Cintra 1951: cdxc-cdxc. As passagens que nos interessam vão desde o fl. 170ra até ao 192rb (não incluo aqui os capítulos sobre os reis de Bretanha e de França).

10. Para a descrição de L (ms. 1 Azul da Academia das Ciências de Lisboa) *vid.* Cintra 1951: cdxciii ss. O ms. tem algumas lacunas e termina no cap. DCLXXIV. A história de Navarra e Aragão ocupa os fls. 172d-186c.

11. Esta ideia é claramente transmitida, p. ex., no título do cap. CDXXI, onde se inicia a digressão, bem como na seguinte explicação, que se encontra depois da digressão: “Mas, por que andamos muyto tempo fora da estorya em contar dos reis de Navarra e d’Aragon, queremos outra vez contar a causa principal.” (Cintra (ed.) 1961: 292).

só a redução textual deste fio narrativo, o que tem como consequência a diminuição da sua importância relativa, mas também se constata o aumento da dimensão textual atribuída à narração das histórias dos reinos periféricos, Navarra, Aragão, e também (e sobretudo, no caso pendente) Portugal. Esta alteração da importância textual atribuída às diferentes narrativas tem como consequência a alteração do peso político e ideológico destas mesmas matérias na ideia que a crónica portuguesa nos transmite da história peninsular, contemplando o passado e o peso relativo dos vários reinos que compunham a Península Ibérica. Este desvio é de particular interesse uma vez que faz sobressair de modo muito evidente a acção de forças centrípetas e centrífugas que desde há muito caracterizam os equilíbrios, as tensões e as visões mútuas entre os diferentes territórios peninsulares.

Esta estratégia textual é, sem dúvida, favorável a Portugal, que era o reino mais recente do panorama peninsular e que surge assim em pé de igualdade relativamente a outros reinos que, sendo igualmente periféricos, têm, no entanto, direito a um espaço textual próprio e a uma história específica.

As transferências de blocos textuais que se verificam nestes testemunhos são explicáveis no quadro desta alteração ideológica. Uma primeira modificação consiste na passagem da história do assassinato do Infante Garcia para antes do bloco relativo à história de Navarra. Deste modo, a história deste reino é contada como um todo, sem intromissões ou quebras. Além disso, tanto a 1ª como a 2ª redacção da *Crónica de 1344* integram no relato do reinado de Sancho o Maior a narrativa do milagre ocorrido em Palência e protagonizado por este soberano. Em contraste, as versões produzidas no centro peninsular relatam este milagre após a digressão pela história de Navarra e Aragão, assumindo o rei Sancho já como soberano de Castela e, conseqüentemente, elemento do fio narrativo principal. A deslocação textual que se verifica nos testemunhos portugueses, pelo contrário, implica a consideração de que a dimensão principal deste rei, também no momento do milagre de Palência, era a de soberano de Navarra.

A *Crónica de 1344* continua ainda um pouco mais este bloco, movendo para este momento a referência ao casamento de Fernando, o filho de Sancho o Maior a quem coube herdar Castela, com Sancha, irmã do rei Vermudo de Leão, casamento que acabará por resultar na unificação de Castela com Leão. À semelhança do que se verifica com o episódio de Palência, também este sucesso é contado nas crónicas redigidas no Centro peninsular como um episódio da história do fio narrativo central, de Castela-Leão. O facto da crónica de D. Pedro Afonso de Barcelos optar por colocar o episódio na narrativa dos reis de Navarra está obviamente na linha do que já foi assinalado. Assim, episódios que podem ter interesse também para a história de Navarra não são escamoteados nesta narrativa em favor da história de Castela-Leão, pelo contrário, são referidos, aumentando deste modo a importância relativa da história deste reino.

Já na continuação da história de Aragão os relatos da 1ª e da 2ª redacções da *Crónica de 1344* divergem um pouco. Além do acrescento de um conjunto de capítulos comuns às duas versões, a que aludiremos a seguir, a primeira redacção continua este prolongamento com referências às histórias da Bretanha e de França, à imagem do que se verificava, em parte, no *Liber Regum* ou *Chronicon Villarense*, fonte desta obra,

oportunamente identificada por Lindley Cintra.¹² Este prolongamento foi truncado na segunda redacção da *Crónica de 1344*, certamente por ter sido considerado como não pertinente numa história peninsular. No entanto, e para o que aqui estamos a analisar, é interessante verificar como o texto de D. Pedro Afonso se deixa embalar no que é o ponto de vista dos reinos de Navarra e Aragão, enquanto elementos de charneira, tanto virados para o interior peninsular, como para os reinos de além-Pirenéus. Esta perspectiva não coincide com a da *Estoria de Espanna* afonsina, fixada nos reinos centrais de uma península que termina nos Pirenéus. A presença destes traços na crónica do Conde de Barcelos, vai ao encontro de uma visão diferente que caracterizaria uma pessoa razoavelmente viajada e curiosa. Com efeito, Pedro Afonso viajou até ao Levante peninsular, em 1304, acompanhando o seu pai, o rei D. Dinis, quando este foi mediador entre Fernando IV de Castela e Jaime II de Aragão; à roda de 1320 esteve exilado na corte de Maria de Molina e casou, segundas núpcias, com uma mulher pertencente a uma poderosa família aragonesa.¹³ Além disto, não será aqui despreciando o ambiente cultural que terá existido, nomeadamente, na corte de D. Dinis, onde além dos ecos da vivência francesa do soberano anterior, Afonso III, o Bolonhês, seria comum conviverem trovadores e outras personagens, de diferentes origens, que poderão ter influenciado o interesse de D. Pedro Afonso pela história, lendas e imaginário franco-bretão, que também é bastante evidente no seu *Livro de Linhagens*.

Os capítulos coincidentes que as duas redacções da *Crónica de 1344* acrescentam ao relato da história de Aragão revelam-se particularmente interessantes. Verifica-se uma alteração significativa de tom, pois trata-se de relatos detalhados e bastante singulares, sobretudo sobre a vida e os feitos dos reis de Aragão Jaime I e de seu filho Pedro. Esta alteração de tom implica alteração de fonte(s). Lindley Cintra assinalou a proximidade entre o texto português e a crónica atribuída a Jaime I, notando ainda a distância entre a narrativa subsequente e os textos de Desclot e de Muntaner, tendo sugerido, para os momentos em causa, a possibilidade de uma fonte de carácter poético (Cintra 1951: xxxiv e lxxiv). Sem descartar esta hipótese, a que se poderia aliar a memória pessoal do Conde de Barcelos que poderia ter retido histórias e anedotas ouvidas em Aragão ou a aragoneses, também não se pode deixar de lado a possibilidade da existência de uma fonte escrita, até ao momento por identificar. Sobretudo o relato dos feitos do rei Pedro III perante os poderes papais e franceses na disputa pela posse da Sicília carece de um estudo comparativo atento. Desta passagem, para o presente trabalho, há

12. Cintra (1951: xxxv) dá como fonte da genealogia dos reis de França o *Liber Regum*. Já para a genealogia dos reis da Bretanha sugere uma fonte arturiana não determinada. *Vid.* ainda Cintra 1951: xcvi e civ ss. sobre as coincidências destas passagens genealógicas com o *Liber Regum* e o *Livro de Linhagens*, bem como a respectiva edição nas p. cdxxix-cdxxxii.

13. Sobre estas questões, *vid.* Cintra 1951: cxxxiii ss. (sobre a ida, com D. Dinis, a Aragão para sanar o diferendo entre Fernando IV e Jaime II e, seguidamente, conciliar o rei de Castela com Afonso de la Cerda), cxlv ss. (sobre o seu exílio na corte da regente de Castela, na sequência de dissensões familiares) e clxvi ss. (sobre o seu segundo casamento com Maria Ximenes, filha de D. Ximeno Cornel e tia de D. Pedro Cornel, senhor de Alfajarin).

que sublinhar o tom elogioso com que são relatadas as espertezas do rei aragonês que consegue levar a melhor dos seus adversários, mesmo nas situações mais desfavoráveis.

Como num inquérito policial, podemos dizer que além da possibilidade física de obtenção de materiais historiográficos que depois lhe terão servido de fonte, D. Pedro Afonso também terá tido um móbil ideológico para a redacção da sua crónica do modo como o fez. A opção de dar mais importância textual às narrativas sobre a história dos reinos periféricos, além de beneficiar Portugal (que o conde de Barcelos teria um interesse natural em integrar, de modo favorável, na historiografia peninsular) indica ainda a percepção positiva que este autor teria, sobretudo do reino de Aragão.

Em termos gerais, a visão historiográfica de D. Pedro Afonso, Conde de Barcelos, independentemente de denotar uma tendência pró-portuguesa, era essencialmente linguística e peninsular. Esta visão reflecte as condições da época, em que as relações familiares muito frequentemente ultrapassavam as fronteiras dos reinos. Além disso, no segundo quartel do séc. XIV, quando Pedro Afonso terá levado a cabo a sua obra, a divisão da Península era uma realidade onde só Castela e Leão estavam unificados. Por conseguinte, a organização que deu à sua história, onde se substitui a visão centralizadora e, mesmo, imperial, decorrente das aspirações de Afonso X, por uma visão mais paritária onde os vários reinos têm direito à sua história e ao seu passado, faz todo o sentido.

Falar de terceiros é, pois, em boa parte, o reflexo do contexto e das condições que permitiram ou que impeliram uma visão específica dos outros. No entanto, as tendências políticas e ideológicas não explicam tudo. Falar de terceiros é ainda, e muito, falar de si próprio e da visão pessoal que se tem do mundo. A opção por uma organização específica da história de Navarra e de Aragão, acrescida da integração de relatos com uma visão positiva, apesar de quase anedóticos, sobre a história do reino de Aragão, decorrerá também de uma atitude pessoal de que a historiografia se constituiu como fiel depositária.

BIBLIOGRAFIA

- CAMPA, M. DE LA (ED.), «Las versiones alfonsíes de la *Estoria de España*», em: I. Fernández-Ordóñez (ed.): *Alfonso X el Sabio y las Crónicas de España*. Valladolid: Fundación Santander Central Hispano / Centro para la Edición de los Clásicos Españoles 2000, 83-106.
- , *La Estoria de España de Alfonso X. Estudio y edición de la Versión Crítica desde Fruela II hasta la muerte de Fernando II*. Málaga: Universidad de Málaga 2009.
- CATALÁN, D., *De Alfonso X al conde de Barcelos*. Madrid: Gredos 1962.
- , *La Estoria de España de Alfonso X: creación y evolución*. Madrid: Fundación Ramón Menéndez Pidal / UAM 1992.
- , *De la silva textual al taller historiográfico alfonsi — Códices, crónicas, versiones y cuadernos de trabajo*. Madrid: Fundación Ramón Menéndez Pidal / UAM 1997.
- CINTRA, L. F. L. (ED.), *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Lisboa: IN-CM 1951 (vol. I: Introd.), 1954, 1961, 1990 (vols. II, III, IV: ed.).

- DIAS, I. B., «Cantares de Unificação e de Partição», *Discursos. Língua, Cultura e Sociedade*, III série, 1 (1999), 153-163.
- , *Metamorfozes de Babel. A Historiografia Ibérica (sécs. XIII-XIV): Construções e Estratégias Textuais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / FCT-MCES 2003.
- FERNÁNDEZ VALVERDE, J. (ED.), *Roderici Ximenii de Rada, Historia de Rebus Hispanie sive Historia Gothica*. Turnhout: Brepols 1987.
- FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, I., *Versión Crítica de la Estoria de España*. Madrid: Fundación Ramón Menéndez Pidal / UAM 1993.
- , «La transmisión textual de la *Estoria de España* y de las principales *Crónicas* de ellas derivadas», em: I. Fernández-Ordóñez (ed.): *Alfonso X el Sabio y las Crónicas de España*. Valladolid: Fundación Santander Central Hispano / Centro para la Edición de los Clásicos Españoles 2000, 219-260.
- MENÉNDEZ PIDAL, R. (ED.) / D. CATALÁN (REED.), *Primera Crónica General*, 2 vols. Madrid: Gredos 1977.
- Ms. 2656, Biblioteca Universitária de Salamanca (trad. da 1ª red. da *Crónica de 1344*).

Anexo — Reis de Navarra e Aragão

Rodrigo Jiménez de Rada, <i>De Rebus Hispanie</i> (ed. J. Fernández Valverde)	Versão Crítica (ed. M. de la Campa, 2009)	Versão de Sancho IV — 1289 (ed. R. Menéndez Pidal - PCG)	<i>Crónica de 1344</i> (1ª Redacción) (ms. 2656 da B(U))	<i>Crónica de 1344</i> (2ª redacción) (ed. L. F. Lindley Cintra)
V, XXI — De ortv et genealogia regvm Navarre	CCIX — De como se perdido el image de los varones de Castilla e quedo el de las mugeres fasta que veno vn caballero que fue alçado rrey	783 — El capitulo del comienço de la generation de los reys de Nauarra	[Historia do Infante Garcia] 304 — Cuenta la estoria que mientras castilla e leon e navarra eran corridos	[Historia do Infante Garcia] CDXXI — Agora leixaremos de fallar do iffante dõ Garcia e dos reis de Leon e tomaremos ao linhagem dos reis de Navarra; ca per este logar avemos de vir a contar como ouve rey em Castilla primeiramente. E depois tornaremos a este rey dom Vermudo de Leon e da maneira e de como morreo
V, XXII — De rege Garsia Enechonis et filio eivs Sancio	CCX — De como estando el rrey Garcia Yniguez seguro e la rreyna doña Vrraca su muger venieron los moros e mataronlos e dixeron vna lançada a la rreyna e pario por ella vn fijo	784 — El capitulo del rey Garçi Yenneguez, et de cómo su fijo don Sancho uencio a los moros en Pamplona	305 — Quando morio a[que]l Ynigo arista rrey de navarra	CDXXII — Capitulo que falla del rey dõ Garcia Inheguez e de como seu filho, dom Sancho, vêceu os mouros e Pöpelona
V, XXIII — De rege Garsia qvi dictvs est Tremvlosvs	CCXI — De como rregno el rrey don Garçia el Tenblosso e de los buenos fechos que fizo contra los moros	785 — El regnado del rey don Garçia de Nauarra, el que dixeron Tremblosso, et los sus fechos se comiença	306 — Despues de la muerte del rrey don sãncho abarca de navarra q[ue] fue el tercero rrey de navarra rreyno el rrey don garçia su fijo el q[ue] llamaron el temoroso q[ue] fue el quarto rrey de navarra	CDXXIII — Do acabamêto do reynado de dom Sancho Avarca, que foy o terceiro rey de Navarra e reynou XXV años e morreo enna era de noveçetos e quarenta e três annos. E reynou èpos elle seu filho, dom Garcia, o que disseron o Temeroso; e foy este o quarto rey de Navarra
V, XXIII — De rege Sancio et generatiobvs regvm Navarre		786 — El regnado del rey don Sancho de Nauarra al que dixieron el Mayor	307 — Cuenta la estoria que despues de la muerte del rey don garçia de navarra q[ue] llamaron el temeroso q[ue] rreyno enpos de el su fijo don sãncho q[ue] llamaron el mayor q[ue] fue el qujnto rrey de navarra	CDXXIV — Acabasse o reynado de dom Garcia Avarca, o que disseron Temeroso, que foy o quarto rey de Navarra. E começa o reynar do seu filho dõ Sancho, o que foy chamado Mayor. E este foy o qujnto rey de Navarra

V, XXIII (cont.)	[Historia do Infante Garcia]	[Historia do Infante Garcia]	790 — El capitulo del rey don Sancho el Mayor et del linage de los reys de Nauarra	308 — Cuenta la estoria que este rrey don sancho de navarra el mayor eredo el condado de castilla por rrazo de la reyna doña Elvira su muger q[ue] fue fija del conde don sancho de castilla	CDXXV — Como este rey don Sancho heredou o condado de Castella por rrazo de sua molher, a raynha dona Elvira
V, XXV — [história do Infante Garcia]					
V, XXVI — De infamacione regne et divisione regni	[cf. CCXXII]	[cf. 799]	CCXVI — De como el rrey don Sancho mando prender su muger por que la mezclaron con el et la saluo Dios por dicho de vn santo omne	309 — Cuenta la estoria que el rrey don Sancho despues q[ue] ovo q[ue]brantado los moros	CDXXXVI — Como os filhos del rey don Sancho, o Mayor, mizcraron a raynha sua madre por o cavallo que lhe nõ quis dar
	[cf. CCXXII bis]	[cf. 800]		310 — Cuenta la estoria q[ue] este rrey don Sancho de navarra el quinto q[ue] llamarò el mayor	CDXXXVII — Como el rey don Sancho de Navarra, ã correndo monte, achou hũu porco; e dõ que lhe com elle aconteceo
				311 — Cuenta la estoria q[u]e rrey don vermudo de leon	CDXXXVIII — Como ouverom conselheiro os ricos homẽes de Leon de nõ averem guerra com el rey don Sancho e dos casamẽtos do ifate dom Fernando com dona Sancha
	[cf. CCXXV]	[cf. 790]		312 — Cuenta la estoria q[ue] el rrey don vermudo de leon veyendo q[ue] le consejavan bjen	
				313 — Cuenta la estoria que don garcia fijo del rrey don sancho el mayor rrey de navarra q[ue] despues de la muerte de su padre rreyno en navarra e este rrey fue el sexto rrey de navarra e ovo dos fijos	CDXXXIX — Ora leixaremos de fallar desto e tornaremos ao conto dos reis de Navarra pera hymnos per esta estorya dos reis de Navarra em dyante. E despois tomaremos aos reis d'Aragom e de França e de Castella e de Leom e per qual guisa foron juntos os reynos de Castella e de Leon

VI, I — De rege Ranimiro et genealogia regum Aragonie et de captatione Osce	CCXVII — De como el rey don Rramiro reyno en Aragon e de las batallas que ovo con los moros	792 — El capitulo del rey don Ramiro et del linname de los reys de Aragon 793 — Capitulo de como fue presa Huesca 794 — Capitulo del regnado del rey don Pedro, tercero rey de Aragon	314 — Cuenta la estoria q[ue] el rrey don rramiño q[ue] fue el p[ri]mo rey de aragõ 315 — Despues q[ue] morio aq[ue] rrey don rramiño el p[ri]mo rrey de aragon rreyno en pos del su fijo don sancho 316 — Despues q[ue] fue muerto el rrey don sancho el segundo rrey de aragon rreyno en pos del su fijo don pedro el tercero rrey de aragon	CDXXX — Mas agora leixaremos aqui de fallar dos de Navarra, por que aqui se acabarõ os que foron deste linhagẽ dos reis, e fallaremos do lynhagen dos reys d' Aragon e como veheron CDXXXI — Acabasse o reynado de dõ Ramiro, o primeiro rey d' Aragon, e começa ho reynado de dom Sancho, o segundo rey; e de como foy tomada Osca
		[Cf. nota no ms. E2 (fl. 123r) com letra do séc. XIV]	317 — Cuenta la estoria que este rrey don alfonso el batallador de aragon el q[ue] fue enperador de espanya	CDXXXII — Como el rey dõ Afonso d' Aragõ, o que foy dito Batalhador, foy vencido dos mouros e como com vergonça se foy encubertamente e da sua morte em que maneira foy
VI, II — De dissensione Aragonensivm et de regno monachi Ranimiri	CCXVIII — De como los aragoneses alçaron por rrey a don Pedro de Tariz por la grand deusion que avia entre ellos	795 — El capitulo del desacuerdo de los aragoneses et de como regno don Ramiro el Monge	318 — Despues q[ue] [fue per] dido el [rrey] don Alfonso rrey [...]	CDXXXIII — Como os Aragoneses tomarõ por seu rey dom Ramiro, o Monge, irmãao del rey dom Afonso, e foy este o quinto rey d' Aragõ
VI, III — De vnio- ne regni et comitatus Barchinonie et filiiis comitis et regine	CCXIX — El XII Ca.º del ayuntamiento del rregno de Aragon con el condao de Barcelona e los fijos del conde don Rremondo e de la reyna doña Vrraca	796 — Del regnado de don Alfonso, VIIº rey de Aragon	319 — Despues q[ue] esta rreyna doña vrraca fue de heddad caso con el conde de barçiloma	CDXXXIV — Como dona Orraca, filha de dom Ramiro, o Monge, foy raynha d' Aragon e foy casada com o conde de Barchellona. E foi este o sexto rey d' Aragõ. E ẽ como reynou seu filho, dõ Afonso, que foy o septimo rey d' Aragõ

VI, IIII — De Petro rege Aragonie et eius morte	CCXX — De commo rregno don Pedro fijo fue muy buen rrey e muy franco e muy esforçado e bien quisto	797 — El capitulo del rey don Pedro de Aragon et de la su muerte	320 — Despues q[ue] fue muerto el rrey don alfonso de aragon rrey no enpos del su fijo don pedro	CDXXXV — Como reynou dom Pedro, filho del rey dom Afonso d'Aragom, despous da morte de seu padre. E este foy ho oytavo rey d'Aragom. E como morreo
VI, V — De rege Iacobo et filijs eius et magnalibus eiusdem	CCXXI — De commo el rrey don Jaymes priso muchas villas e lugares del rrey no de Mallorca e soiuugo a Valencia e Aragon	798 — El capitulo del rey don Jaymes, et de sus fijos et de sus ricos omnes	321 — Cuenta la estoria q[ue] este don pedro de aragon en su vida q[ue] oviera dado su fijo don Jaymes a cryar (?) al conde don sjmón de mōnte forte	CDXXXVI — Como reynou dom James despous da morte de seu padre; e este foy o noveno rey d'Aragom
VI, VI — De matrimonio regis Fernandi cum sorore Veremvdi et de morte Sancii regis [inclui milagre de Palencia]	CCXXII — De commo el rrey don Sancho mo- uio guerra contra el rrey don Bermudo de Leon et de commo encerro el puercio en la iglesia de Sant Antolin	799 — El capitulo de lo que acasecio al rey don Sancho en Palencia con el puercio montes, et de como fallo la elesia de sant Antolin	[cf. 310]	[cf. CDXXXVIII]
			322 — Cuenta la estoria q[u]e el emperador fádriq[ue] fue señor de çeçilya e despues de su muerte finco a su fijo el rrey moftreo	CDXXXVII — Acabousse o reynado do muy bõo rey dom James e começou ho reynado del rei dom Pedro, seu filho, que foy o decimo rey d'Aragom
			323 — Cuenta la estoria que el rrey de françia q[ua]ndo vio q[ue] ansi escapara el rrey de aragon por esta arte llego muy grandes huestes e fue çecar la çibdad de girona	CDXXXVIII — Como el rey de França ajuntou sua hoste muy grande e foy çecar a cidade de Girona; e de como morreo
			324 — Cuenta la estoria que despues q[ue] este rrey don pedro morio finco por rrey su fijo el yn[fiante ...] Alfonso	CDXXXIX — De como reynou o ifiãte dom Afonso depois da morte del rey dom Pedro, seu padre, e foy este ho onzeno rey d'Aragom

				325 — Dize la estoria que despu- es que este rrey don Alfonso fue muerto supolo el rrey don Jaymez su ermano que era rrey en çizilia	CDXL — Como reynou ã Aragon, des- pois da morte deste rey dõ Afonso, dõ James, o que foi rey de Cezillya, e este foy o XII.º rey d'Aragõ. E de como reynou ã Cezillia seu irmãao, dom Fradarique
				326 — Dize el cuento que este rrey don Jaymes de aragon tor- nose pa[ra] su tierra	CDXLI — Agora leixaremos de fallar del rei dom Carillo e de dõ Fradarique e tornaremos a cõtar del rei dõ James d'Aragõ e de como se tornou pera sua terra e do que lhe aconteceu despois
				327 — Cuenta la estoria que este rrey don Jaymes daragon despendjo muy gran parte de lo q[ue] avia	CDXLII — Hora leixaremos aquy de fallar del rei dom Fernando de Castilla e tornaremos a fallar del rei dom James d'Aragon
				328 — Cuenta la estoria q[ue] este rrey don fadriq[ue] de çizilia	
				329 — Despues de la muerte del rrey artur ovo dos rreyes en bretaña q[ue] agora llaman ynglatierra	
				330 — Cuenta la estoria q[ue] de alli adelante fueron rreyes algunos rricos onbres poderosos de la tierra	
				331 — Aquí cvmiença el lynaje de los rreyes de frança q[ue] fueron antes de charles mayne	
				332 — Cuenta la estoria q[ue] charles mayne morio en la era de novecentos e quarenta e ocho años e ovo fijo a loys	

CCXXII bis [casamento de Sancha, irmã de Vermudo de Leão com Fernando de Castela]	800 [casamento de Sancha, irmã de Vermudo de Leão com Fernando de Castela]	[cf. 311-312]	[cf. CDXXVIII]
CCXXIII [Vermudo de Leão vs Fernando de Castela e seu irmão Garcia de Navarra]	801 [Vermudo de Leão vs Fernando de Castela e seu irmão Garcia de Navarra]	333 [Vermudo de Leão vs Fernando de Castela e seu irmão Garcia de Navarra]	CDXLIII [Vermudo de Leão vs Fernando de Castela e seu irmão Garcia de Navarra]
CCXXIV [Fernando o Magno rei de Leão]	802 [Fernando o Magno rei de Leão]	334 [Fernando o Magno rei de Leão]	CDXLIV [Fernando o Magno rei de Leão]